

MARÉ DE NOTÍCIAS



Uma Maré de rock

Apesar do estereótipo da favela como reduto do funk e samba, os territórios têm espaço para outros ritmos musicais, como o rock. **PÁGINAS 8 E 9**

Os impactos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes.

PÁGINAS 6 E 7

Games e tecnologia são ferramentas pedagógicas.

PÁGINAS 10 E 11

Como funcionarão as escolas em 2021?

PÁGINA 12



MATHEUS AFFONSO

Um nome, uma história

Personagens da história nacional e carioca, assim como moradores da Maré, nomeiam unidades de saúde do conjunto de 16 favelas.

PÁGINAS 4 E 5

Resistir pra festejar

Com a aproximação do feriado de carnaval, dirigentes de agremiações e blocos da Maré refletem sobre as dificuldades para se manter e conseguir desfilar.

PÁGINA 14



MATHEUS AFFONSO

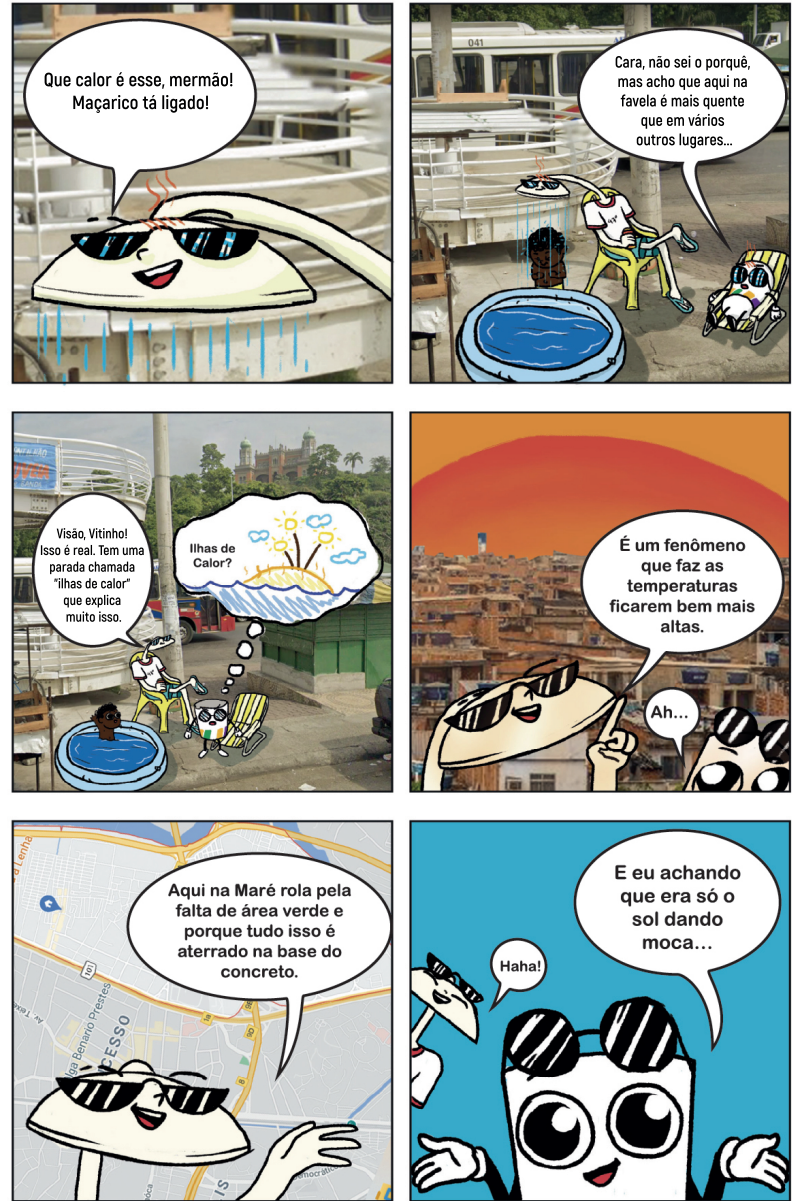
EDITORIAL

O ano de 2021 começou com a notícia ansiosamente aguardada pela população: o início da vacinação contra a covid-19. Depois de dez meses de receio do contágio, ver as imagens das primeiras pessoas sendo imunizadas dá uma sensação de esperança de que vamos, finalmente, sair desta pandemia e voltar para a vida antes dela. É preciso lembrar, porém, que as doses disponibilizadas na campanha contra a doença não são suficientes para toda a população. Muitos de nós temos que esperar para sermos, enfim, vacinados.

Mesmo com as boas novas, ainda é essencial se preservar, evitar ir à rua sem necessidade, manter o uso da máscara e do álcool em gel quando precisar sair e seguir com a higienização sempre que retornar. Também é importante lembrar que, segundo médicos, especialistas e pesquisadores, ainda não existe tratamento precoce para a doença. Então a melhor forma de se cuidar é seguir as recomendações acima, além de evitar aglomerações. Caso perceba possíveis sintomas de covid-19, agende o mais brevemente possível no aplicativo Dados do Bem a testagem para covid-19 a ser realizada no Galpão Ritma (Rua Teixeira Ribeiro, 151).

QUADRINHOS - CAMPANHA CLIMÃO

Chuveirão e Guaravtinho: Ilhas de Calor



Climão



CEDAE MARÉ (falta de água): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefone: 0800-282-1195

SAIBA COMO RESOLVER: COCÔZAP (mapeamento de problemas de saneamento): Telefone: 99957-3216

DETRAN (emissão de documentos): Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro / Rua Teixeira Ribeiro, 629 – Loja 4/5 – Parque Maré. Telefones: 3460-4040 / 3460-4041

30ª REGIÃO ADMINISTRATIVA: Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro. Telefones: 3105-4482 / 3881-0399

COMLURB MARÉ (recolhimento de lixo): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefones: 99771-8544 / 97119-0632

FUNDAÇÃO LEÃO XIII (assistência social e acesso gratuito à emissão de documentos): Rua Gerson Ferreira, 6 – Praia de Ramos. Telefone: 2334-7802

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
marenoticias@gmail.com
contato@marenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal
World Mosquito Program (WMP)

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA
Andressa Cabral Botelho

COORDENADORES DE DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana
Henrique Gomes
Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Andrews de Andrade
Faustino
Antônia Valéria Lins e Silva
Cristiane dos Santos
Jonathan Ribeiro Da Cruz
Larissa Oliveira
Luana Cristina Alves
Lucas Frederico Brandão
Leonardo da Silva
Marcela Ferreira Silva Gomes
Thuany Vieira Nascimento
Valdemir Gomes da Cunha Júnior
Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Edu Carvalho
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Thaís Cavalcante
(Mtb 35270/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Matheus Afonso
Paulo Barros

REVISÃO

Julia Marinho
PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias
DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo
TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@marenoticias) ou ainda por email contato@marenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Que climão!

Campanha desenvolve trabalho para falar sobre mudanças climáticas na Maré



PRECISAMOS FALAR SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS FAVELAS.



CAMPANHA CLIMÃO

Campanha pretende explicar a moradores os efeitos das mudanças climáticas nas favelas e periferias e possíveis soluções

LAERTE BRENO

Morador da Maré, graduando em Letras pela UFRJ, colunista, educador popular e organizador da UniFavela, pesquisador e mobilizador social.

A favela está mais atenta às mudanças climáticas? Como a ação humana afeta o meio ambiente e mexe com o clima e o regime das chuvas é tema da Campanha Climão, uma das frentes do projeto *Maré Verde*, da Redes da Maré. Colaboradores do conjunto de favelas foram selecionados pela chamada pública **A Maré que Queremos** para, desde novembro, desenvolver trabalhos com o objetivo de entender os dados sobre as mudanças climáticas.

O tema é rotineiramente abordado nas transmissões jornalísticas, como as queimadas na Amazônia e no Pantanal, ou até nos comerciais. Mas, não estamos apenas vendo tudo pela televisão, estamos também sentindo na pele as alterações climáticas

acontecendo ao nosso redor, como na Maré, por exemplo. Por isso, a proposta do projeto é compreender essas informações fornecidas em noticiários e boletins de instituições que tratam sobre meio ambiente e traduzir essas informações para uma linguagem que os moradores de comunidades e demais áreas periféricas entendam, fazendo com que eles se aproximem do tema. A ideia é produzir materiais de comunicação para sensibilizar a população sobre a importância de pensarmos sobre as mudanças climáticas e como elas afetam a cidade e, por tabela, as favelas.

No contexto da Maré, os efeitos das mudanças climáticas podem ser sentidos em ruas como a Teixeira Ribeiro, na Rubens Vaz, e em becos e vielas pouco arborizados. A falta de árvores, além de parecer aumentar o calor já extre-

mo, não ajuda a diminuir a poluição provocada pelo alto fluxo de carros que passam pelas linhas Amarela e Vermelha. No outro extremo, as chuvas intensas causam alagamentos e dificultam a mobilidade dos moradores, além de

ajudar a disseminar doenças, como a leptospirose.

Mudanças são possíveis, com ações como o reflorestamento urbano, inclusive na área de mangue da Maré. Políticas públicas que levem ao aumento das áreas verdes contribuem para uma melhor qualidade de vida da população em toda a cidade. Outras ações, como a coleta seletiva de lixo, campanhas pela saúde respiratória, a redução da temperatura nas residências através de coberturas mais claras como a pintura dos telhados ou, quando possível, a criação de telhados verdes pelo uso de plantas podem nos ajudar a cuidar da favela onde vivemos e do ar que respiramos.

Por isso, o compartilhamento de informações sobre esse tema é essencial: converse com a sua família e seus vizinhos sobre as alterações climáticas e o que é possível fazer, como membro da comunidade, para engajar as pessoas da nossa favela e criar ferramentas para fazer frente a essas mudanças do clima.



A Campanha Climão nasceu a partir de experiências de mobilizações socioambientais na Maré e busca comunicar os efeitos das mudanças climáticas dentro do território. Esses efeitos

impactam a vida dos moradores de muitas formas, e a Climão vem para nos ajudar a criar ferramentas de enfrentamento do problema e refletir sobre isso.

O público-alvo é diverso, desde crianças até os mais velhos. A intenção é conversar sobre seis principais temas: O que são mudanças climáticas, Ilhas de Calor, Saneamento, Segurança Alimentar, Poluição Atmosférica e Racismo Ambiental. Sendo cativado pelos personagens das charges, curtindo um joguinho para distrair ou acompanhando na web, temos boas conversas sobre assuntos importantes para quem mora aqui. Iniciada em janeiro, a campanha se encerra no dia 5 de junho, no Dia do Meio Ambiente. Fique ligado: estaremos aqui no Jornal, no site e nas redes sociais da Redes da Maré trazendo dicas, vídeos, curiosidades, dados e histórias para você ficar por dentro do assunto!

A pessoa por trás da fachada

Entre moradores e personalidades da história, saiba quem foram os homenageados nas unidades de saúde da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Na edição 83 de dezembro de 2017, o Maré de Notícias mostrou quem são as pessoas que dão nome às escolas. Agora chegou a vez de conhecer a vida por trás dos nomes das unidades de saúde: quem são e qual sua importância para a história da Maré?

O **Centro Municipal de Saúde Vila do João** leva o nome da favela que foi construída por meio do Projeto Rio. O prédio foi erguido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a primeira administradora do espaço. Em 2007, a Prefeitura assumiu a unidade e fez modificações na unidade. Durante muito tempo, foi a segunda maior unidade de saúde na Maré, já que as outras ficavam dentro dos CIEPs. Hoje, o terreno onde está situada a unidade, na Rua Dezessete, também abriga o Centro de Referência de Mulheres da Maré (CRMM), administrado pela UFRJ e que leva o nome da idealizadora do projeto, a pedagoga e ex-diretora do Conselho Nacional de Direitos da Mulher Carminha Rosa.

A **Clínica da Família Ministro Doutor Adib Jatene** fica na Vila dos Pinheiros e surgiu depois do fechamento do Posto Médico Gustavo Capanema, que funcionava em sala anexa ao CIEP. O prédio foi inaugurado em 19 de janeiro de 2016 e funciona na Avenida Bento Ribeiro Dantas, na ciclovia, perto do Conjunto Pinheiros. **Adib Domingos Jatene** nasceu em 1929, em São Paulo. Cirurgião, professor universitário e cientista, foi o criador de uma técnica cirúrgica (que leva seu nome) para o tratamento de problemas cardíacos em recém-nascidos; é dele um dos primeiros modelos de coração-pulmão artificial do país. Foi secretário estadual de Saúde em São Paulo e, por duas vezes, ministro



© Douglas Lopes

Em funcionamento desde 2016, a clínica localizada na Vila dos Pinheiros homenageia o cirurgião Adib Domingos Jatene

da Saúde. Era membro da Academia Nacional de Medicina. O médico morreu em 2014, vítima de um infarto fulminante.

A **Clínica da Família Augusto Boal** surgiu da fusão dos postos médicos Vicente Mariano e Elis Regina, que funcionavam dentro de CIEPs. A unidade funciona na Rua Guilherme Maxwell, endereço ocupado anteriormente pelo Serviço Social da Indústria (SESI), próximo ao Morro do Timbau e à Avenida Bento Ribeiro Dantas. A clínica foi inaugurada em 11 de dezembro de 2010, recebendo o nome do dramaturgo **Augusto Boal**. Nascido na Penha em 1931, foi um dos maiores nomes na criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino-americano. É dele o Teatro do Oprimido, que levou aos palcos a realidade brasileira traduzida em gírias, comportamentos, maneirismos e sotaques. O público era convidado a interagir com a trama, decidindo o destino dos personagens. Formou diversos jovens na Maré, organizando grupos de Teatro do Oprimido na favela.

O **Centro Municipal de Saúde João Cândido** funciona na Avenida Lobo Júnior, em Marçílio Dias, favela atendida inicialmente por profissionais do projeto Médicos Sem Fronteiras até ser criada a unidade municipal de saúde, instalada no prédio da associação de moradores. Mas quem foi João Cândido?

Conhecido como “Almirante Negro”, **João Cândido Felisberto** nasceu em 1880 e foi um marinheiro notório por ter liderado a Revolta da Chibata, em 22 de novembro de 1910. Na época, os mari-

neiros, a maioria negros e analfabetos, eram disciplinados através de castigos físicos, como chibatadas (castigo já abolido com o fim da escravidão, mas ainda em prática na Marinha). Depois de tentarem pôr fim à prática de forma pacífica, Cândido e outros marinheiros se amotinaram e tomaram o controle do navio onde estavam. Eles ficaram presos por 18 meses e em dezembro de 1912, os membros do grupo foram levados ao Conselho de Guerra. Mesmo absolvidos foram excluídos da Ma-



Mapa da favela Marçílio Dias e a localização do Centro Médico de Saúde João Cândido



MATEUS AFFONSO

Diniz Batista foi morador da Baixa do Sapateiro, mas ficou conhecido após se mudar para o Parque União

rinha. Em 1969, aos 89 anos, João Cândido morreu vítima de um câncer. Em 2008, recebeu anistia póstuma e foi reconhecido como herói do Estado do Rio de Janeiro.

Homenagens à Maré

Não apenas personalidades da História do Brasil e da cidade do Rio nomeiam clínicas da Maré. A trajetória de seus moradores também é lembrada.

A **Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva** foi inaugurada em 2 de março de 2018, na Rua Teixeira Ribeiro, Nova Holanda. A composição das equipes da clínica foi feita a partir da fusão dos extintos postos médicos Samora Machel e Nova Holanda. O primeiro funcionava no CIEP do mesmo nome e o segundo, onde hoje é a Associação de Moradores Nova Holanda e depois, em espaço anexo ao CIEP Elis Regina.

O nome da unidade de saúde lembra um dos momentos mais tristes da Maré: a morte de **Jeremias Moraes da Silva**, morador de 13 anos da Nova Holanda, atingido por uma balapérdida quando chegava na casa de sua professora de música, durante operação da Polícia Militar, em 6 de fevereiro de 2018. Passados três anos, a única novidade no caso foi a nomeação da unidade, que

precisa de gerador para ter energia elétrica. Por diversas vezes, a clínica ficou sem atendimento por falta de luz. A nova administração municipal prometeu resolver a questão, num encontro entre presidentes de associações de moradores e o subprefeito no final de janeiro.

A **Clínica da Família Diniz Batista dos Santos** foi inaugurada em 7 de fevereiro de 2018, na Avenida Brigadeiro Trompowski, no Parque União. A unidade nasceu depois do fechamento dos postos de saúde Parque União e Hélio Smidt, que funcionavam na associação de moradores e no CIEP de mesmo nome, respectivamente. Apesar de funcionar há dois anos, até hoje o acesso à clínica se dá por meio de passarela com degraus, o que prejudica o atendimento de idosos e pessoas com deficiências. Quem dá nome à unidade é **Diniz Batista dos Santos**, nascido no Nordeste em 1926. Em 1951, chegou ao Rio de Janeiro em busca de trabalho, morando nos oito anos seguintes nas palafitas da Baixa do Sapateiro. Casado e com filhos, mudou-se para o Parque União e, com espírito empreendedor, abriu um armazém e uma empreiteira, que empregava muitos

moradores. Criou 11 filhos e dois sobrinhos, morrendo em 2008. “Quando estavam procurando um nome para a clínica, minha irmã apresentou a trajetória dele e a Prefeitura aprovou. Ele foi um grande herói da história da Maré. Tenho orgulho de ser filha dele”, conta **Vilma Santos**.

O **Centro Municipal de Saúde Américo Veloso** funciona na Rua Gerson Ferreira, na Praia de Ramos, desde 1970. Com a criação do bairro Maré, a unidade deixou de fazer parte de Ramos (onde

atendia moradores do bairro e do Complexo do Alemão) e foi incorporada ao conjunto de favelas, tornando-se a primeira unidade de saúde. Em 2011, com o fim do Posto Médico 14 de Julho, que funcionava no CIEP Leonel de Moura Brizola, sua equipe foi incorporada à unidade. O posto homenageia o médico **Américo Veloso**, morador da favela, que atendia a comunidade de forma gratuita. Além disso, foi dele a iniciativa de conseguir, junto aos vereadores, o terreno onde hoje funciona o centro municipal de saúde que leva seu nome.

A saúde mental das crianças

Com o fechamento do Posto Médico 14 de Julho, foi aberto um novo espaço de saúde, o **Centro de Atenção Psicossocial Infantil Visconde de Sabugosa**, na Avenida Guanabara, para o atendimento de crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes. Seu nome vem da maior obra de Monteiro Lobato, a série de livros “O Sítio do Picapau Amarelo”: o **Visconde de Sabugosa** é um boneco feito de uma espiga e, por isso, é sempre o escolhido para as missões que envolvem perigo – se terminasse destruído, outro boneco era feito de uma espiga nova.



UNIDADES DE SAÚDE DA MARÉ:

Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva
Rua Teixeira Ribeiro s/n – Nova Holanda

Clínica da Família Diniz Batista dos Santos
Avenida Brigadeiro Trompowski, SN – Parque União

Clínica da Família Adib Jatene
Via B/1, 589-501 – Conjunto Pinheiros

Clínica da Família Augusto Boal
Avenida Guilherme Maxwel, 901- Bento Ribeiro Dantas

CMS Américo Veloso
Rua Gerson Ferreira, 100 – Praia de Ramos

CMS Vila do João
Rua 17 s/n, Vila do João

CMS João Cândido
Av. Lobo Junior, 83 Marcílio Dias

Unidade de Pronto Atendimento UPA
Rua Nove, 4.880 – Vila João

Pandemia, uma preocupação dos mais novos

Além da covid-19, o cuidado com a saúde mental de crianças e adolescentes foi um desafio para as famílias

THAÍS CAVALCANTE

Por causa da pandemia, o bicho-papão mudou de cara e viver em 2020 foi um grande desafio também para crianças e adolescentes. Especialistas indicam que essa realidade mudou, para eles, a rotina, o sono, as atividades, a convivência familiar, a alimentação e a saúde mental, ainda que estejam fora dos grupos de risco da covid-19. O isolamento social e o medo de pegar a doença também tiveram seu impacto nessa parcela da população.

Maria Eduarda, filha mais velha de **Margarida Farias**, moradora do Parque União, na Maré, tem 18 anos e vivia uma rotina regrada antes da pandemia, dividindo-se entre a escola, aulas de natação e passeios em companhia dos pais e do irmão caçula de dois anos. O surgimento do novo coronavírus representou para ela uma mudança drástica: Maria Eduarda exige cuidados tanto quanto seu irmão pequeno, por viver com a síndrome de Wolf-Hirschhorn, um transtorno de desenvolvimento mental e físico. Com a chegada da covid-19, a natação foi suspensa e seus trabalhos escolares agora são feitos à distância. Deixar de sair não foi uma opção, mas agora restringe-se ao seu tratamento de motricidade e às sessões de psicopedagogia, psicologia e fisioterapia.

Margarida tem ansiedade e conta que suas crises aumentaram durante a pandemia, agravadas pela síndrome do pânico, fruto do isolamento social e da preocupação com a

DOUGLAS LOPES



© Douglas Lopes

A pandemia não afetou a saúde mental só dos adultos: crianças e jovens também precisaram de cuidados

filha, que também sentiu de perto essas mudanças. “Ela estava muito triste e não queria comer, postou até foto chorando nas minhas redes sociais. Percebi, também, que surgiram feridas na cabeça dela. Graças a Deus temos apoio psicológico para enfrentar isso. Os trabalhos escolares também passaram a ser estressantes para ela fazer de casa”, conta. Além de cuidar da saúde mental e lutar pela adaptação, o medo de pegar o vírus ainda é grande: muito álcool em gel, máscara ao sair e banho depois de chegar da rua. Ainda assim, um teste revelou que Maria Eduarda teve a doença há meses, mas sem apresentar sintomas.

Enfrentando medos reais

A educação e a saúde mental foram os maiores desafios de uma mãe que preferiu não se identificar. Hoje ela vive com o mari-

do e a filha de 11 anos em Santa Teresa, mas são crias da Baixa do Sapateiro. A menina precisou de um cuidado a mais neste último ano, pois a pandemia piorou seu quadro de ansiedade. “Ela se medicava, mas ficou sem tratamento por causa da covid-19 porque os postos só trabalham com emergências. Estava fazendo homeopatia pelo Sistema Unificado de Saúde (SUS) para questões hormonais e psicológicas”, conta.

A mãe, que tem familiares na Maré, foi buscar no território apoio psicológico, mas não conseguiu. “Acho que devia ter mais comunicados sobre a saúde mental. Quem nunca teve problemas assim acha que é frescura, mas eles são o mal do século. Minha filha ficou meses sem querer ir à rua, mesmo de máscara, para visitar os avós porque tinha medo.”

Com a retomada das atividades econômicas e o

início das aulas online, as pessoas tentam voltar à rotina anterior à pandemia. Neste início de ano, a população tem acompanhado a primeira etapa da vacinação contra a covid-19 no país mas, segundo especialistas, isso não deve ser motivo para diminuir os esforços e cuidados para evitar que o vírus continue a circular. O Brasil acumula cerca de 220 mil mortos e nove milhões de infectados pela doença desde fevereiro do ano passado, dando ao país o terceiro lugar entre aqueles mais atingidos pela pandemia. O estado do Rio registra, em seus territórios populares e favelas, mais de três mil mortes e aproximadamente 30 mil casos de covid-19, de acordo com levantamento do Painel Unificador COVID-19 nas Favelas do Rio de Janeiro.

Espaço de cuidado para a favela

Muitos não sabem, mas



MATEUS AFFONSO

Para lidar com os problemas psicológicos desencadeados nesse período, é importante a família estar atenta e unida

as crianças e os jovens do Conjunto de Favelas da Maré são atendidos no CAPSi Visconde de Sabugosa, uma unidade de saúde pública referência para casos de agravos em saúde mental. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, são atendidos cerca de 500 crianças e adolescentes da Maré. Para usar o serviço, basta encaminhamento médico, seja de uma clínica da família, de um centro municipal de Saúde ou mesmo de uma unidade de emergência. O espaço também atende moradores do Complexo do Alemão, da Penha, de Ramos e de Vigário Geral.

Marcia Cristina, diretora do CAPSi, conta que houve um aumento significativo de casos agravados pela pandemia, considerando fatores sociais como o desemprego e a violência, por exemplo. Os atendimentos foram divididos em presencial (dentro da unidade ou através de visita domiciliar) e virtual. “A equipe técnica realizou monitoramento e acompanhamento dos casos atra-

vés de recursos audiovisuais, videochamada e por WhatsApp”, explica. Para familiares ou responsáveis que não tinham acesso aos meios de comunicação, “a estratégia de saúde da família e a rede de suporte comunitária foram fundamentais”, destaca.

Para informar e conscientizar as famílias, a vivência infantojuvenil foi detalhada na Cartilha *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19*, elaborada pelos pesquisadores colaboradores de Atenção Psicossocial e Saúde Mental do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O material, disponível no site da fundação, mostra a vida de famílias com crianças durante o período de isolamento e quais são as alternativas possíveis para melhorar as diferentes situações enfrentadas. Acolher as angústias, conversar sobre o coronavírus, controlar o uso de tecnologia e equilibrar os horários de estudo

estão entre as coisas que podem facilitar o convívio dos pequenos em casa.

Em maio de 2020, **Eugênio Carlos Lacerda**, psicólogo da ENSP/Fiocruz e especialista em psicologia clínica e educacional, participou de uma entrevista ao vivo no canal BioFiocruz sobre as dificuldades em conciliar rotina de trabalho e estudos, convivência familiar e saúde mental nesse período. Lacerda afirmou que, para lidar com as emoções, é necessário ter mais carinho com nós mesmos e encontrar no convívio com as crianças as oportunidades para brincar e interagir. “As relações familiares não são como comerciais de margarina e a gente está

inserido nessas relações. E temos os desafios com os filhos, como desobediência, preguiça, bagunças e a companhia para brincar, por exemplo. Faço um convite para que a gente olhe para isso e erre amorosamente.”

Iniciativa realizada no Conjunto de Favelas da Maré em 2020, o Projeto CRIAndo Rede acompanhou 300 crianças, jovens e adolescentes mareenses durante a pandemia. O apoio psicossocial ofereceu diferentes ações para os moradores, como atendimento psicossocial online, visitas domiciliares e incentivo à produção de conteúdo sobre saúde mental, com a mobilização de jovens do próprio território. Mostrou-se um suporte importante para os jovens da Maré, tendo em vista que 52% da população do território têm até 30 anos, sendo 24,5% com até 14 anos e 27,4% entre 15 e 29 anos, de acordo com dados do Censo Maré.

Foi ainda oferecido às famílias mais vulneráveis o Maré Card, um cartão pré-pago a ser usado de acordo com cada necessidade e urgência. A ideia do projeto foi criar e fortalecer a rede de apoio a crianças e adolescentes para que esse público, principalmente, se sentisse mais protegido nesse período tão incomum e estressante. A ONG Luta pela Paz liderou o projeto em parceria com a Redes da Maré, o Observatório de Favelas e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).



Apesar do estigma que doenças mentais ainda carregam, é importante se informar sobre os serviços disponíveis e iniciar, caso necessário, o tratamento o quanto antes.

CAPSI II VISCONDE DE SABUGOSA

Atendimento de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h
Avenida Guanabara, S/N. Praia de Ramos – Ramos
Contato: (21) 3884-9635

Na favela, eles preferem o rock'n'roll

Bandas de rock, metaleiros e eventos musicais da Maré mostram que o gênero faz parte de um movimento histórico entre os mareenses

PAULO BARROS



A Tabacaria Dreadlocks, na Vila dos Pinheiros, foi palco de apresentações do Festival Rock em Movimento, como a da banda Missão do Galo

THAÍS CAVALCANTE

Nos anos 1980, o rock nacional explodia nas cidades e favelas do país. A Maré também fez parte desse momento, não só com a história das palafitas e favelas na música *Alagados*, dos Paralamas do Sucesso, como também com a explosão da cena underground de rock e de metal se fortalecendo nas 16 favelas da Maré. Desde então, o movimento cultural envolvendo roqueiros, bandas locais e eventos passou a ser valorizado por moradores, músicos e produtores. Isso não diminui a diversidade musical que faz as caixas de som tremerem nos eventos, nas ruas e casas: muito forró, brega funk, samba, pagode e funk proibidão são tocados sem stop. Tem lugar para todo mundo na favela.

Para os roqueiros e metaleiros da Maré, opção para curtir um som pauleira não falta. No Morro do Timbau, o antigo Bar do Zé Toré foi um dos primeiros lugares a incentivar a apresentação das bandas no território e mostrar que na favela também tem amantes do rock'n'roll e de suas variações, como o heavy metal, hard rock,

grunge e punk rock, entre outros. O tablado da Mata do Pinheiro também era palco para shows, assim como o Pontilhão Cultural, espaço embaixo da Linha Amarela. Já a Lona Cultural Herbert Vianna, a Lona da Maré, que fica entre a Baixa do Sapateiro, Nova Maré e Nova Holanda, já promoveu eventos como Rock na Lona e o Festival Favela Rock Show, trazendo bandas locais e também nacionais. Apresentações que movimentam a Vila dos Pinheiros e fecham até a rua são os shows em frente à Tabacaria Dreadlocks, como as últimas edições do Festival Rock em Movimento.

“Quando eu era moleque sempre via uma galera com camisetas de banda andando pelas ruas. Comecei a fotografar e, com isso, conheci essas figuras e entendi a importância e o nível que essa galera tinha”, diz **Paulo Barros**, fotógrafo de bandas de rock local e morador da Baixa do Sapateiro. Ele conta que um divisor de águas na cena de rock da Maré foi quando os festivais de música começaram a reunir as bandas nascidas na própria favela para

se apresentar em diferentes espaços culturais. “Aqui é um dos principais locais com bandas de rock da cidade do Rio, assim como as comunidades da Zona Sul, de Rio das Pedras e mesmo de Niterói”. Ele cita algumas bandas que cresceram na Maré: D'loks, Canto Cego, Algoz, Ágona, Café Frio, The Primos e Carburador, entre outras.

Não à toa, o movimento do gênero da favela estimulou uma trajetória musical de luta que não é só pela fama, quando se buscam espaços de apresentação, produção e de ensaios. Os integrantes, também moradores, faziam de sua casa o próprio estúdio e até o lugar de seu primeiro clipe, como o da banda Algoz. Paulo não só conhece como acompanha de perto esses bastidores e admite que, em seu trabalho, precisou enfrentar barreiras, como o racismo e o preconceito. “Sempre achei os bastidores muito interessantes e isso foi uma das coisas que me levou a fotografar. Precisava registrar esse trabalho para derrubar o estereótipo de que o cara que está no rock não faz nada da vida”.



PAULO BARRROS

Grupo Ágona durante apresentação no Espaço Favela, no Rock In Rio 2019

Solos de guitarra da Maré no Rock in Rio

O movimento não ocupou só a favela. Crias da Maré, Ágona e Canto Cego se apresentaram no palco Favela na noite dedicada ao metal da edição do Rock in Rio de 2019. A Orquestra Maré do Amanhã também representou os 140 mil moradores tocando clássicos do gênero com o concerto *Rock Symphony*. "Tocar no Rock in Rio foi coisa de louco, na produção do evento não faltou nada. Foi uma oportunidade para muita gente se apresentar, mostrar o nosso trabalho e também a potência da favela, porque o Estado não entra aqui", conta **Rafael Ferraz**, morador da Baixa do Sapateiro e baixista da banda de death metal Ágona.

Os músicos se encontram no QG da banda – a casa do músico. São mais de 15 anos de história, CDs gravados e

uma coleção de shows. Rafael explica que o gênero death metal é um tipo de metal um pouco mais rápido e mais técnico, e as músicas falam sobre o que o ser humano faz na Terra. "O metal é um movimento de resistência, subversivo. Nossa sorte aqui na Maré é que tem muita gente boa e muitos produtores. Espero que a cena do rock se mantenha e resista ao tempo", diz o baixista, lembrando das dificuldades de conseguir patrocínio e da falta de espaços culturais para se apresentar. "O roqueiro geralmente ouve música alta no quarto. Às vezes, não tem condição de pagar um show fora daqui, então a galera precisa desse presente", completa.

Fome de cultura na cidade

Quem há anos vem fortalecendo a Maré com música

é **Leandro Oliveira**, produtor, gestor musical e fundador do Cine & Rock, único movimento social e cultural de Rio das Pedras, na Zona Oeste. Leandro trouxe o ônibus itinerante Caravana Cine & Rock para a realização de shows na Vila dos Pinheiros, anos atrás. Ele diz que incentivar musicalmente um espaço precisa de perseverança. "Espero que quem fizer isso saiba que é muita luta; precisa deixar acontecer. Tem que amar muito, porque é muito caro fazer eventos de rock. O investimento é na montagem, nos músicos, equipamentos, produção, entre outras coisas", observa.

O que fez Leandro começar seu movimento foi a repressão vivida pelo segmento cultural do rock. Se fosse outro gênero musical, ele garante que apoiaria da mesma forma. A partir desse incentivo em oferecer mais cultura musical para sua região, cerca de 20 bandas de rock nasceram. "Foi necessário primeiro buscar aceitação por parte da comunidade. Eram organizados eventos com cinema e rock na praça", ele lembra o grande movimento de ocupação territorial, inicialmente mobilizando, em uma ação ambiental para transformar um lixão em uma praça limpa e pronta para virar palco, crianças e jovens, que passaram a participar da iniciativa.

Isso fez surgir o entendimento da necessidade maior de se ter educação, cultura, esporte e lazer, além da música. Hoje são 350 crianças e jovens atendidos e responsáveis pela

manutenção do espaço que frequentam, com aulas de caratê, reforço escolar e outras atividades. Um trabalho social e intelectual que pode não ser muito percebido por carregar em seu nome um gênero com críticas, mas que não para de crescer.

Rock em Movimento

A partir dos anos 2000, as edições do evento de rua Maré de Rock levantaram fortemente a bandeira dos direitos humanos junto a diversas bandas e agitaram ainda mais a cena musical e crítica da favela. O evento deu tão certo que os organizadores, músicos das bandas Algoz, Café Frio e Levante e outros colaboradores, criaram o Coletivo Rock em Movimento e um festival de mesmo nome.

Em sua trajetória, o coletivo registra a participação de mais de 200 bandas em seus eventos e promete realizar uma edição virtual este ano. Atualmente, a organização do Rock em Movimento é dos integrantes da banda de rock alternativo Missão de Galo: Reginaldo Costa, Klaus Grunwald e Diogo Nascimento. Com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, o grupo vai realizar a transmissão de shows online e lançar um podcast em março. Graças à iniciativa, bandas e articuladores da cena do rock poderão divulgar novas músicas e debater os desafios surgidos por conta da pandemia. Bandas poderão se inscrever para ganhar a gravação profissional de três clipes; serão escolhidos quatro grupos, mas todos farão parte de um levantamento sobre o cenário musical local.



PAULO BARRROS

Grupo Canto Cego também se apresentou em algumas edições do Rock em Movimento

PARTICIPE DO FESTIVAL ROCK EM MOVIMENTO ONLINE

Inscrições: de 25/01/2021 a 11/02/2021

Divulgação das bandas selecionadas: 15/02/2021

Evento online: 18/03/2021

Inscrições no site: <https://bit.ly/2M0fVA4>

Contato: rockemmovimento@gmail.com



Conectados pela educação e tecnologia

Iniciativas de aprendizagem que usam computação, robótica e desenvolvimento de games para a criação de projetos beneficiam jovens estudantes da Maré

THAÍS CAVALCANTE

“A escola precisa ser um coração pulsante, produzindo transformações e cultura contra-hegemônica. Ela é pública, comunitária e livre para circulação de ideias. Se a escola faz parte do território, todas as instituições precisam circular, e o que eu fiz foi trazê-las: Associação de Moradores de Nova Holanda, Redes da Maré, Luta pela Paz, Vida Real, Museu da Maré, entre outras. Eu sou fruto dessa transformação política e social, toda a minha trajetória profissional se deu na Maré também”, conta **Marcelo Belfort**, diretor geral do Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, na Maré, sobre seu espaço de trabalho voltado para o ensino de tecnologia e empreendedorismo e as recentes conquistas de seus estudantes.

Inaugurado no território há apenas três anos, o colégio oferece ensino médio em horário integral e incentiva a participação de seus alunos em campeonatos educativos a partir de oficinas em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI) e a Redes de Desenvolvimento da Maré. **Artur Castro, Camille Soares, José Rodrigo Leão, Judy Beatriz Faria e Lucas Ribeiro** são alunos do 2º ano do Ensino Médio do CE João Borges; a partir de seus estudos na área da robótica, eles decidiram entrar em competições.

O grupo de estudantes



Antes da pandemia, o grupo Peritech Maré reunia-se no Colégio Estadual Professor João Borges para desenvolver seus projetos de robótica

forma a equipe de robótica Peritech Maré, que mostra já em seu nome a mistura da periferia com a tecnologia. Eles representam tanto a escola como seu território em competições regionais e nacionais. Ainda em 2019, o grupo recebeu o prêmio Inspiração no Torneio SESI de Robótica First Lego League – Desafio City Shaper. Em 2020, a conquista foi ainda maior: eles foram campeões da etapa regional, disputando com equipes do estado do Rio. Eles ainda levaram o 1º lugar na fase nacional do Torneio Brasileiro de Robótica 2020 e receberam o prêmio Superação na categoria *High*, composta por alunos com idade entre 15 e 19 anos, e na modalidade Organização e Método.

Marcelo conta que, para a vitória de seus estudantes, o que fez foi estimular o projeto de educação

comunitária e não atraparilhar seu desenvolvimento. “Eles vão representar a favela na cidade, no estado e no Brasil. O colégio foi criado em 2018, mas pensado desde os anos 1980 pelo movimento social da Maré e construído ao longo dos anos. Começamos com duas salas e sem muita estrutura. Hoje, somos uma escola pública de referência.”

O segredo é aprender fazendo

Antes da criação do CE João Borges, para ter acesso à educação profissional e tecnológica era necessário se deslocar até a Tijuca, como fez **Jonatas Magno**, morador da Nova Holanda. Ele teve a oportunidade de cursar o ensino médio em um modelo diferente de escola pública: o Colégio Estadual José Leite Lopes, mais conhecido como

NAVE Rio. Com aulas em tempo integral e muitos laboratórios, ele garante que o colégio desafia o estudante desde a estrutura até as provas e trabalhos.

“Além de experimentar o convívio com pessoas de todas as regiões da cidade, a gente não usava a tecnologia só em uma matéria técnica, mas em toda a grade curricular: criava um jogo a partir do conteúdo ensinado, seja ele de matemática, geografia... Isso deixava os trabalhos bem dinâmicos e fazia a gente usar o nosso jeito para entender a matéria, se expressar e se comunicar para mais pessoas”.

A experiência também deu a Jonatas o desafio de estudar as áreas de conhecimento básicas junto aos cursos técnicos, como roteiro para mídias digitais. Não à toa, escolheu o jornalismo como profissão.

Ele, que sempre estudou em escolas públicas como a maioria dos moradores do Conjunto de Favelas da Maré, se sente privilegiado por ter feito o Curso Preparatório para o Ensino Médio da Redes da Maré e por passar na seleção do NAVE Rio.

“Se você não domina a tecnologia hoje em dia não é um profissional qualificado. Mas a realidade é que os jovens da favela saem em desvantagem por causa da desigualdade. Poucas pessoas têm computador em casa e não existe estímulo para que elas aprendam certas coisas porque estão ocupadas com outras urgências, como trabalhar ou cuidar de algum parente”, afirma Jonatas. Em toda a Maré, pouco mais de 25 mil pessoas concluíram o ensino médio, o que significa 18% da população mareense. O levantamento é do Censo Maré (2019).

Alessandra Maia,

pesquisadora de Inovação do Laboratório de Mídias Digitais LMD do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ), afirma que “quando se pensa na área de exclusão, os videogames e computadores fazem parte disso, ao contrário dos celulares”, explica. Junto à acessibilidade, aprender algo durante uma partida é praticamente uma consequência. Seja inglês, desenvolver pensamentos estratégicos ou até transformar isso em profissão. Diferentemente do ensino de matérias isoladas, a conexão da aprendizagem é facilitada. “É interessante que os jovens experimentem os jogos para testar as possibilidades e ver que, com o erro, você vai aprender mais do que com o acerto”.

A cultura de produção e tecnologias dentro das fa-

velas cariocas tem se popularizado cada vez mais, a partir das possibilidades que cada espaço tem de engajar e produzir. Seja através de apoio governamental ou comunitário, as iniciativas existem e resistem.

Estímulo à educação tecnológica

AfroGames é o primeiro centro de formação de atletas de esporte eletrônico (eSports) em uma favela. Criado pela ONG AfroReggae em Vigário Geral, reabriu em janeiro deste ano anunciando seu primeiro time de League of Legends. Saiba mais no site: www.instagram.com/afrogamesbr

GatoMÍDIA é uma rede criada no Complexo do Alemão, Zona Norte, que usa a metodologia de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e moradores de espaços populares atra-

vés de cursos, encontros e eventos. Saiba mais no site: www.gatomidia.com

Oi Kabum - Laboratório de Cultura Digital é um espaço para a formação e criação de projetos que envolvam arte e tecnologia, sempre relacionadas à cidade e a cultura, com intervenções públicas. Saiba mais no site: www.oikabumlab.org.br

Nave do Conhecimento é um espaço com internet e cursos presenciais gratuitos sobre empreendedorismo e tecnologia. Com sedes espalhadas pela Zona Norte e Oeste, devido a pandemia, está oferecendo cursos online. Saiba mais no site: www.navedoconhecimento.rio

E-base é um projeto de educação e cultura *gamer* localizado em Santa Teresa. Oferece cursos e palestras sobre desenvolvimento de games, arte com personagens de games e oficina de youtuber. Saiba mais no site: www.ebase-gamer.com



Fragmentos de meu Diário na quarentena

No princípio da quarentena a gente resiste, a gente cria resistências a esse negócio de “ficar preso”, isso é normal, a gente nasceu para ser livre. Minha filha (Lulu) de 8 anos no princípio não conseguia lidar muito bem com a ideia de não poder livremente ir brincar com seus amiguinhos e ir para a escola, isso foi mais terrível. Eu como pai, precisava gerar nela alguma calma e lhe apontar saídas, mesmo que a longo prazo, então junto com ela tive a ideia de acionar um cronômetro de um relógio que desde então está ligado contando as horas para nossa saída do isolamento.

FRANCISCO VALDEAN
Maré, Rio de Janeiro-RJ



Francisco Valdean é fundador-curador-guia do MIIM - Museu da Imagem Itinerante da Maré que reúne memórias dos moradores da favela em uma caixa de papelão. É fotógrafo pela Escola de Fotógrafos Populares da Maré. Tem graduação em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia Visual, ambos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é doutorando em Artes pela mesma universidade. Parte de seus trabalhos como fotógrafo e curador estão descritos no site "Escritas Visuais": <http://franciscovaldean.com.br>

designer twitter @anhsloz

Rio de Janeiro #19

Diários de Emergência COVID-19

[literaturacomunica](https://www.instagram.com/literaturacomunica) [literaturacomun](https://twitter.com/literaturacomun)

COVID-19 EMERGENCY DIARIES
RIO DE JANEIRO

Como fica o ano letivo carioca em 2021?

Entre medos e incertezas, Município e Estado anunciam datas de retorno às aulas

EDU CARVALHO

Aulas remotas, falta de conexão à internet, trabalhos pedidos e infelizmente, não entregues; o aumento no déficit da aprendizagem, a latente sensação de impotência dos pais e a saudade do ambiente escolar dos filhos: assim se inicia 2021, com a expectativa da vacina e de um retorno, com o máximo de cuidado possível, de todos os alunos das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro.

O secretário municipal de Educação do Rio de Janeiro, **Renan Ferreirinha**, afirma que a maior prioridade do prefeito Eduardo Paes neste primeiro ano de governo é a Educação. Segundo ele, a volta às aulas presenciais na capital fluminense é primordial e tem caráter de urgência, mas para que se concretize serão ouvidos especialistas e representantes da Secretaria de Saúde e da comunidade escolar.

Ferreirinha enumera fatores importantes na estruturação do plano de retorno das atividades na rede municipal: os aspectos educacional, sanitário e de segurança; a saúde mental das crianças, dos jovens e profissionais; e a alimentação escolar. “Precisamos considerar o déficit de aprendizagem das crianças e dos jovens que ficaram sem estudar de maneira adequada em 2020 devido à pandemia do coronavírus. Estamos trabalhando arduamente junto com a Saúde e com outras secretarias para que possamos ter um protocolo seguro e que passe credibilidade e transparência para a população”, disse o secretário, em entrevista à Rádio Jovem Pan.

Já a Secretaria Estadual de Educação anunciou em

DOUGLAS LOPES



Sem previsão de imunização para crianças, imagens como esta, de 2019, dos alunos todos juntos, ainda não poderão acontecer este ano

janeiro que o ano letivo nas escolas da rede estaria marcado para começar no dia 4 deste mês, ainda de forma remota. Os alunos deverão passar por uma avaliação para que se saibam quais foram os maiores impactos dos dez meses da pandemia da covid-19 e se causaram efeitos negativos à aprendizagem do conteúdo. Com esta análise, provas serão aplicadas para que os educadores possam avaliar o nível dos estudantes.

Em um pronunciamento, o secretário estadual de Educação, **Comte Bittencourt**, afirmou que cerca de 10% dos alunos da rede que voltarão ao sistema presencial são aqueles que possuem situação social mais vulnerável, ou seja, que não têm estrutura ou recursos para assistir às aulas remotamente.

Todo o protocolo de uma possível volta terá a participação da Secretaria Estadual de Saúde, que hoje acompanha o número de

casos e mortes por covid-19 no Rio de Janeiro. O retorno de 100% dos alunos às salas de aulas está descartado, e os professores que integram os chamados grupos de risco seguirão dando aulas de modo remoto. O retorno às aulas presenciais será feito de forma gradual.

Para **Rafael Parente**, ex-secretário de Educação do Distrito Federal e atualmente coordenador do Grupo de Trabalho Educação, do Movimento Agora!, os cuidados na retomada devem se estender a toda a comunidade escolar. “A prioridade deve ser dada à saúde mental e emocional não só de alunos, como também de professores. É possível que muitos retornem com problemas como depressão, ansiedade, angústia e medo, entre outros. O processo de acolhimento será mais essencial do que nunca”, aponta. Parente acredita

que deve ser levado também em consideração o estado atual de conhecimento dos alunos com relação, principalmente, à língua portuguesa e à matemática.

Segundo ele, a retomada das aulas presenciais é imprescindível, tendo em vista o possível esquecimento do conteúdo nos últimos meses. Mas ele alerta que “a volta é importante por uma série de razões, mas profissionais e alunos não podem arriscar suas vidas no processo”.

Há fatores que fazem a urgência pelo retorno às salas de aulas ainda mais latente como, por exemplo, a falta de comida em casa. “Não podemos descartar questões como a fome, já que é na escola que muitos fazem a principal ou mesmo a única refeição do dia, e o aumento de agressões e abusos em casa por conta do isolamento como medida contra a pandemia”, completa.

Um aliado voador no combate à dengue

Moradores da Maré vão participar da liberação de Wolbitos, mosquitos que ajudarão no combate às arboviroses

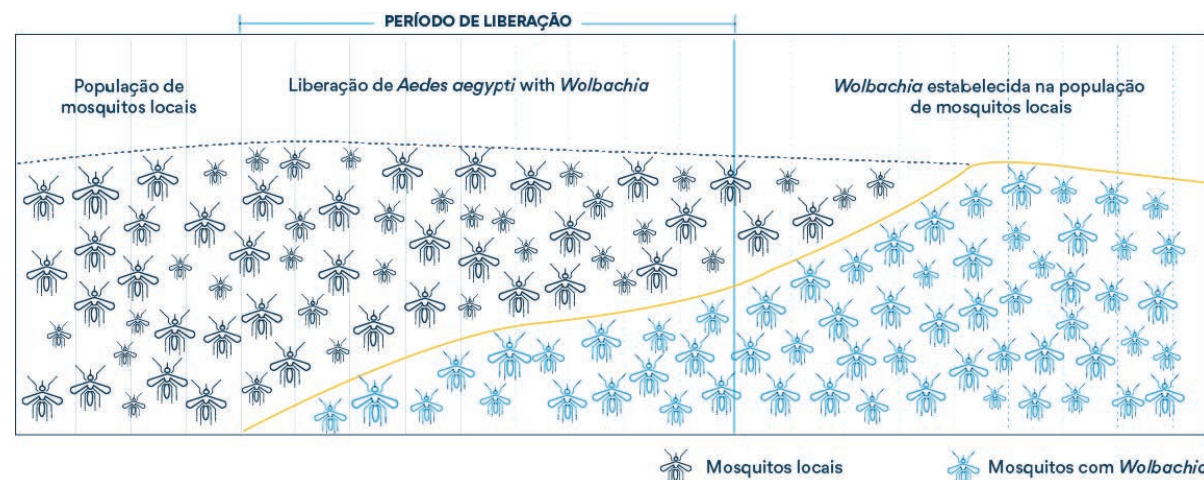


Ilustração explica como acontece a liberação de mosquitos com *Wolbachia* em território com *Aedes aegypti*

GUILHERME COSTA

Gestor de comunicação do World Mosquito Program Brasil

A partir de 22 de fevereiro, moradores da Vila do João e da Vila dos Pinheiros poderão participar da liberação dos Wolbitos, os mosquitos *Aedes aegypti* (responsáveis pela disseminação do vírus da dengue) que carregam uma bactéria capaz de impedir a disseminação dessa e de outras doenças: é o chamado Método Wolbachia. Os mosquitos não são transgênicos e não transmitem doenças – pelo contrário: eles ajudam a combatê-las. A inovação faz parte do *World Mosquito Program* (Programa Mundial contra Mosquitos, ou WMP) para o combate da dengue, zika e chikungunya, implementado no país pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Segundo a entidade, o Método Wolbachia teve sua eficácia comprovada através de uma pesquisa clínica, realizada na Indonésia, que registrou uma redução de 77% dos casos de dengue. No Rio de Janeiro, desde 2015 os Wolbitos são liberados na natureza, e a expectativa é de que, até o próximo ano, os resultados epidemiológicos da iniciativa no município estejam disponíveis. Em Niterói, dados preliminares apontam a redução de 75% dos casos de chikungunya nas áreas onde os mosquitos com *Wolbachia* foram liberados.

Wolbitos nas favelas da Maré

No conjunto de favelas, os mosquitos aliados foram soltos em 2018 e já ocupam o território. Para reforçar a proteção à comunidade, mais insetos serão liberados a partir deste mês, em uma ação com a parceria da Prefeitura do Rio de Janeiro. Dessa vez, porém, serão utilizados ovos de mosquitos, e a população poderá participar ativamente da iniciativa.

“Em outros países onde o WMP atua,

são utilizados ovos de *Aedes aegypti* com a bactéria *Wolbachia*, com bons resultados. Aqui no Brasil já havíamos utilizado os ovos nas áreas-piloto em Tubiacanga, na Ilha do Governador, e em Jurujuba, Niterói, também com ótimo retorno. A novidade agora é que a população poderá participar da liberação e, ao mesmo tempo, de um game com desafios semanais. Quem chegar até o final terá uma premiação surpresa”, explica o líder do Método Wolbachia no Brasil e pesquisador da Fiocruz, **Luciano Moreira**.

Os kits contendo ovos de Wolbitos serão distribuídos às segundas-feiras no Centro Municipal de Saúde da Vila do João e às terças-feiras na Clínica da Família Adib Jatene, na Vila dos Pinheiros, e sempre no período da manhã. O kit contém uma cápsula com ovos de mosquitos com *Wolbachia*, instruções de como liberá-los na natureza e brindes para as crianças.

Cada família tem direito, por semana, a um kit, que só poderá ser retirado por pessoas maiores de 18 anos. Para participar dos desafios semanais, basta fazer um cadastro no Point do Wolbitto, uma área específica do programa dentro das duas unidades de saúde envolvidas na ação.

Para conhecer mais detalhes sobre o jogo de combate à dengue e a liberação comunitária dos Wolbitos acesse @wmpbrasil ou @maredenoticias no Facebook ou Instagram. A ação é uma realização do WMP Brasil/Fiocruz, em parceria com os projetos da Redes da Maré Heróis Contra a Dengue e Maré de Notícias, e conta com financiamento do Ministério da Saúde, apoio da Fiocruz e da Universidade de Monash, da Austrália, além de recursos da Fundação Bill e Melinda Gates.

O que é o Método Wolbachia?

A *Wolbachia* é um microrganismo intracelular presente em 60% dos insetos, mas não nos *Aedes aegypti*. A partir de estudos desenvolvidos, pesquisadores do WMP introduziram a *Wolbachia* nos mosquitos, impedindo que os vírus da dengue, zika, chikungunya e febre amarela possam se desenvolver no inseto, ajudando com isso a reduzir essas doenças.

Os mosquitos com o microrganismo são liberados no ambiente para que possam se reproduzir com os *Aedes aegypti* da região e assim gerar uma nova população de mosquitos com a *Wolbachia*, diminuindo o número de transmissores de doenças no local.

COMO EVITAR OS CRIADOUROS DE MOSQUITO EM CASA?

O Método Wolbachia é complementar às demais atividades de controle das arboviroses (doenças causadas por arbovírus, que vivem em animais silvestres como mosquitos, carrapatos e aranhas) realizadas pela Prefeitura. Então é importante que a população continue seguindo os cuidados:

- Mantenha caixas e barris de água bem fechados;
- Coloque o lixo em sacos plásticos e mantenha a lixeira sempre fechada;
- Não jogue lixo em terrenos baldios;
- Deixe garrafas de vidro ou plástico com a boca para baixo;
- Não deixe a água da chuva acumular sobre a laje nem galhos e folhas nas calhas;
- Encha os pratinhos ou vasos de planta com areia até a borda;
- Retire toda a água de pneus e deixe-os cobertos;
- Pelo menos uma vez por semana lave com água e sabão recipientes usados para guardar água.



Corações que batem ao ritmo do carnaval

O amor é o sentimento que explica a dedicação de foliões aos blocos e agremiações

HÉLIO EUCLIDES

“Com deusas douradas e passistas empolgados, é nesse gingado que o Gato faz seu carnaval”. Esse é o samba Lendas e Superstições do Brasil que, mesmo com quase três décadas, ainda emociona **Jorge Geraldo**, o popular Jorge Bob's, um dos seus autores juntamente com Lá Mano e Cesar Gari. Há 29 anos, a composição levou o bloco Mataram Meu Gato ao vice-campeonato do carnaval, em apresentação na Avenida Rio Branco, no Centro. Esse é o sentimento de amor que leva componentes de agremiações e blocos carnavalescos a não enrolarem os estandartes: com o início da vacinação, a população se entusiasma com a esperança do retorno do samba e do carnaval.

Quando se fala de bloco de carnaval na Maré, vem em mente o Gargalo da Vila, que nasceu de uma ala do Tigre de Bonsucesso, há 19 carnavais. E quem não lembra de Marielle Franco no bloco Se Benze Que Dá, gritando nos seus enredos os direitos dos moradores da Maré? As duas agremiações levam alegria para as ruas das favelas, mas quando se fala dos anos 1990, é para lembrar que o

Parque União era repleto de blocos, como Alegria do Parque, Boca da Ilha e Filhos do Parque. E antes de surgirem as agremiações no território, os embalos vinham do Mataram Meu Gato, da Nova Holanda; do Boca de Siri, da Praia de Ramos; e do Corações Unidos, do Morro do Timbau.

Júlio Cesar Ferreira, mais conhecido como Julinho, é diretor de bateria da escola de samba Gato de Bonsucesso e começou a desfilar com 13 anos, levado por sua mãe. “Nasci escutando a história do gato que virou tamborim, aquele que deu nome ao bloco Mataram Meu Gato. Minha família toda é do samba e assim nasceu o amor. Já desfilei na Portela, Grande Rio, Unidos da Ponte, Imperatriz Leopoldinense, Porto da Pedra e Viradouro, mas o Gato é diferente, um amor muito grande”, conta.

O diretor destaca que o presidente Mauro Camilo está tentando resgatar a escola, que hoje não tem componentes para desfilar. “O Gato está no processo de voltar, mas faltam recursos. Já estamos há sete anos sem comprar instrumentos novos. É preciso levar o samba para as ruas da Maré, para



Nica exhibe, com carinho, as recordações dos campeonatos de 1993 e 1994 do bloco

que ele alcance o povo. Precisamos voltar com os grandes carnavais. Não podemos deixar o samba morrer”, diz. Ele acredita que promover oficinas é importante para a formação de integrantes na favela.

Memórias do carnaval

A quadra do bloco Corações Unidos, na Rua Capitão Carlos, viveu tempos de glórias, com a presença de cantores consagrados como Elson do Forrogo e Jorge Aragão. **Livanir Nunes Borges**, conhecido no mundo do samba como Nica, foi presidente do bloco de 1992 a 1996. Em 1993, a agremiação foi campeã na Avenida Rio Branco, com direito a matéria no jornal *O Dia*. Na época, desfilavam cerca de 400 componentes. No ano seguinte, o bloco repetiu a façanha e conquistou o bicampeonato.

Foram mais de dez anos como integrante da agremiação. “Minha família tinha uma ala de crianças e assim nasceu o gosto pelo carnaval”, comenta. Mas a história do Corações Unidos não teve final feliz: em 1996, um incêndio destruiu fantasias, instrumentos e a quadra. “Isso trouxe o

desânimo e o fim do bloco. Ficou só o letreiro na quadra e a história”, diz. Para não abandonar o samba, Nica organiza quinzenalmente um pagode em frente à antiga sede do bloco, onde hoje existe um estacionamento.

Quando abre os álbuns de fotos, Nica percebe que o seu coração ainda bate forte pela agremiação. “Acredito que esse amor pelo carnaval vem da nossa cultura negra. No Coração Unidos a maioria dos integrantes era de negros. O carnaval era a raiz da comunidade e a quadra era tudo. Hoje percebo que o carnaval de rua é diversão, algo que é genuíno do povo”, conclui.

Carnaval só ano que vem

Depois de o governador em exercício **Cláudio Castro** aprovar a lei que criou o CarnaRio (carnaval fora de época que vai acontecer anualmente em julho como forma de movimentar o turismo do estado), a realização do evento foi descartada pelo prefeito **Eduardo Paes**. Segundo ele, com o ciclo de vacinação completo, todas as edições da folia devem voltar a acontecer em 2022.



Após o incêndio na quadra, hoje o espaço funciona como estacionamento

Sambar sem apagar a identidade de um povo



CARLOS ANDRÉ, CAZÉ

Negro, 45 anos, Bacharel em Direito, morador de Niterói, atua na Redes da Maré como gestor de projetos e faz parte da Casa Preta da Maré, projeto que atua na produção de conhecimento sobre questões raciais e racismo.

O samba é uma das expressões máximas da nossa cultura. A gente chora, faz churrasco, enterra um ente querido, ou simplesmente comemora a vida com uma gelada, e sempre vai ter aquele sambinha acompanhando cada momento. Se ele faz parte do conjunto de características que nos definem, a sua história é uma frequente luta contra preconceitos e tentativas de aniquilamento.

O samba carioca nasceu na casa da Tia Ciata. Baiana do Recôncavo, cozinheira e Mãe de Santo do Candomblé iniciada em Salvador, ela chegou ao Rio de Janeiro no final do século XIX e foi morar na região central do Rio, entre a Pedra do Sal e a Praça Onze, área chamada até hoje de Pequena África. Era

respeitada em toda a cidade; se tornou símbolo de resistência da cultura negra e uma das grandes incentivadoras do nosso ritmo. Para se ter uma ideia, na sua casa aconteciam macumbas, festas e batuques que duravam dois, três dias. Lá foi escrito o primeiro samba gravado em disco, “*Pelo telefone*”, uma composição de Donga e Mauro de Almeida.

Isso tudo aconteceu em plena Primeira República, entre 1889 e 1930, com a Lei de Vadiagem em vigor – a tal que era sistematicamente aplicada contra manifestações religiosas e culturais da população negra no pós-abolição. A repressão era intensa; a justificativa para tal violência era que tais práticas feriam os “bons costumes” da sociedade da época. Segundo historiadores, essa era mais uma forma de banir o que estava em formação nos guetos do Rio de Janeiro, e que a elite da época sistematicamente tentava apagar – tradições e costumes africanos ou qualquer outra referência do período escravocrata.

Por conta disso, o

samba foi duramente reprimido das mais diversas formas. Desde limitação da hora e do espaço para acontecer até uma lista dos instrumentos que poderiam ou não ser usados nos eventos. Teve muita roda de samba encerrada no meio e muito sambista apanhando da polícia e indo preso sob a alegação de “repressão da vadiagem”.

Não apenas o samba, como outras manifestações culturais ligadas à tradição e à cultura negra passaram por esse processo de criminalização, como a capoeira e o funk, até caírem nas graças da elite e, aos poucos, passarem por um processo de embranquecimento.

Hoje a luta continua pelos direitos

Se no passado foi papel da dita lei e de outros instrumentos o seu apagamento, hoje vemos um processo de elitização do samba e do carnaval, com o ritmo perdendo a sua origem do morro enquanto espaço de troca de saberes e convívio comunitário através da capitalização do carnaval e das agremiações, a destruição dos lugares de memória, o distanciamento das suas origens e o afastamento forçado daquele que mais se identifica e contribui emocionalmente com as festas carnavalescas: o

povo preto e pobre.

Hoje tem roda de samba com ingressos caros. O sambódromo acolhe mais o turista do que a população local. As escolas de samba que estão longe dos holofotes, como as da Maré, amargam dívidas e somam a falta de estrutura com o desinteresse por parte das estatais de cultura. Nos grêmios recreativos mais famosos não há lideranças ou artistas negros no comando; à frente das baterias são poucas ou inexistentes as mulheres pretas.

O samba de avenida agora é feito no escritório, tem bloco ou fanfarras desconstruídas; tocam tudo, menos samba. Nos últimos anos, o poder público voltou a bater nos sambistas e a demonizá-los em nome da fé. Respeitam-se muitas tradições, mas aquelas protagonizadas pelos negros e negras dessa terra são desconsideradas. Mas assim como seus criadores, o samba resiste, e resiste com muita força.

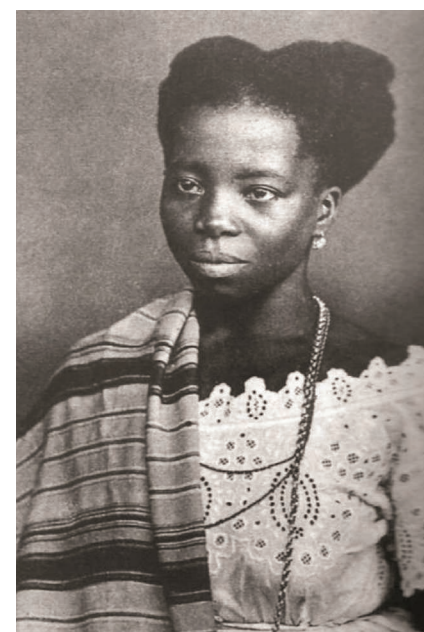
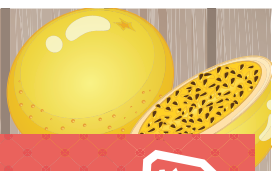


Foto de Hilária Batista dos Santos, a Tia Ciata

“Respeitam-se muitas tradições, mas aquelas protagonizadas pelos negros e negras dessa terra são desconsideradas. Mas assim como seus criadores, o samba resiste, e resiste com muita força.

CARLOS ANDRÉ - CAZÉ, Bacharel em Direito



Delícias que cabem no bolso

Nada como um docinho de sobremesa depois do almoço de fim de semana, principalmente se for algo gelado, para se refrescar no verão carioca! A mousse de maracujá é uma ótima pedida, além de ser uma opção não tão doce.

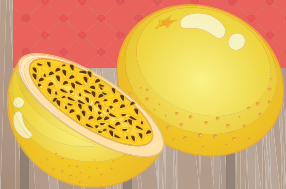
MOUSSE DE MARACUJÁ

INGREDIENTES:

- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de suco de maracujá concentrado (medida na de leite condensado)
- 1 lata de creme de leite
- Polpa de maracujá (para decorar, se preferir)

MODO DE PREPARO:

- Bata tudo no liquidificador por dois minutos.
- Coloque a mistura em uma travessa funda ou taças individuais.
- Leve à geladeira por uma hora ou até que a mousse esteja firme.
- Antes de servir, decore com a polpa do maracujá aquecida com um pouco de açúcar.



CONEXÃO SAÚDE
DE OLHO NA COVID
NA MARÉ!

ISOLAMENTO SEGURO

TÁ COM COVID OU CONHECE ALGUÉM QUE ESTEJA?

Uma equipe pode orientar sobre isolamento seguro e oferecer insumos para a recuperação.

Mais informações? Mande um zap para
(21) 99924-6462.

O ATENDIMENTO É GRATUITO!

E lembre-se: a pandemia não acabou!
Evite aglomerações, lave bem as mãos e use máscara.



CAMPANHA
CLIMÃO

CAÇA PALAVRAS

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

O C Á E N E A H H S H I A D G I T N S H H A
H L R M E T A R C O N D I C I O N A D O I R
O S V B M O N W O R I P O T E O T V T E S O
S F O N W T A V N R N B W R F S E E E T G U
D S R H H P T O S D Y O N N O E R N M A E P
G R E I R O S I U R M R C M I D N I G O T E
Y T U H I T T I M I O W R A S S E D E E A I
A U I L A C R L O A H N T Ç S T S A N R O I
I D C R D L A I D H R H T A S H A B E A S A
H B A F T E M P E R A T U R A D T R R C N U
D T S N I R R E Á T N D D I T R A A G H W F
A N F O E S O T G T U R E C D O D S I R R I
P E A R L N H I U A M A C O T R H I A R F O
O R L S I A M A A R D T R A E D A L O N R N
R B T N N C W R Y I M S L D T B U H A O A I
R E O N B U F S I M P I I L A A H A N I H R

FICA ESPERTO NOS ASSUNTOS

- AR CONDICIONADO
- ASFALTO
- AVENIDA BRASIL
- CONSUMO DE ÁGUA
- ENERGIA
- MAÇARICO
- SEDE
- TEMPERATURA
- ÁRVORE



Acompanhe o Maré de Notícias na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br